

Orquidário

10 anos



Volume 10, no. 2
abril a junho de 1996

ORQUIDÁRIO, ORQUIDÓFILOS ASSOCIADOS DO RIO DE JANEIRO, S.C.

Diretoria - Biênio 1994/96:

Presidente: Hans O. J. Frank.

Vice-Presidente: José Luiz Cardoso Rodrigues.

Diretor da Área Técnica: Carlos A.A. de Gouveia.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Lêda Maria Teixeira

Diretor da Área Administrativo Financeira: Flávio Alvim Leite

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Maria da Penha K. Fagnani. Biblioteca: Maria Stella N. Borges.

Tesouraria e Finanças: Peter C. Warlich. Patrimônio: Benedito Fabiano O. Aguiar.

Presidentes Anteriores:

1. Edward Kilpatrick, 1986/1987.

2. Alvaro Pessôa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

Conselho Deliberativo, 1994/96:

Presidente: Paulo Dámaso Peres

Membros: Anderson de Oliveira Monteiro, Gustavo Campello Coimbra, Hélio Maurício Bittencourt e Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto.

Revista Orquidário. Comissão Editorial:

Alvaro Pessôa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Britto Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita.

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da Orquidário.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, tamanho A-4, ou remetidos em disquete de computador, com uma cópia impressa, gravados num dos seguintes processadores de texto: Page Maker 5.0, Word 6.0, Ami Pro 3.1 e outros compatíveis com Windows, mediante consulta ao Editor.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que o tenha solicitado e remetido os selos para a postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Damos preferência a "slides", podendo os autores que o desejarem, mediante prévia combinação com o Editor, remeter o fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista o poder de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título Orquidário é de propriedade de Orquidário e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, desenho ou fotografia, publicados sem indicação de reserva de direito autoral (c) podem ser reproduzidos, para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Orquidário, aos cuidados da Secretaria Geral, para a Rua Visconde de Inhaúma 134/933, 20091-000, Rio de Janeiro, RJ. Tel. (021)233- 2314, com NILCE CARLOS. Fax (021) 253-5447.

PREÇOS/RATES

Filiação e Contribuição anual	1 ano	2 anos	3 anos
Contribuição de sócios	RS35,00	RS68,00	RS97,00
Overseas Subscription Rates	1 Year	2 Years	3 Years
	US\$35,00	US\$68,00	US\$97,00
	By Air Mail add US\$10.00 per Year		

Composto e diagramado na
Guilda do Raio F, Rio.
Fotolitos: Densicolor, Rio.
Impresso na Gráfica JB.

Orquidário

Revista trimestral publicada pela OrquidaRIO

Volume 10, nº 2, abril a junho de 1996.

ISSN 0103-6750.

Índice

<u>Textos</u>	Página
Mensagem do Presidente	34
A Evolução da Orquidofilia no Rio de Janeiro, por Waldemar Scheliga	35
<i>Archivea</i> Christenson & Jenny, por R. Jenny e A. Christenson	37
OrquidaRIO - 10 anos, por Raimundo Mesquita	41
Tendências Modernas em <i>Phalaenopsis</i> , por Luiz Hamilton de Lima	45
Uma Orquídea para o papa, por Oscar V. Sachs Jr.	48
<i>Catasetum Vinaceum</i> , por Álvaro Pereira	50
<i>Cydoniorchis</i> , um novo gênero nas Lycastinae, por Karlheinz Senghas	52
Yo no creo en brujas, por Álvaro Pessoa	55
 <u>Seções</u>	
<i>Como Comecei</i> , por Maria da Penha Fagnani	57
<i>Cultivando</i> , por Augusto Burle G. Ferreira	58

Créditos das Ilustrações

Capa, 4ª Capa e pag. 48, Sílvia Amélia Machado Hungria; pag. 34, Frederico Poubel Bastos; pags. 37 e 38, fotos da aquarela de T. Ducanson, A. Christenson, Ph. D.; 39, Rudolf Jenny; 40, reprodução da prancha original de Reichenbach fil., 1883, publicada na *Xenia Orch.*, 3 (3): pl. 226; 45 a 47, George Vasquez; 53 e 54, Karlheinz Senghas; 50, Carlos Ivan da Silva Siqueira, 51, Manabu Matida.

As Capas

Completando a OrquidaRIO 10 anos de fundação, a Capa não podia deixar de conter a flor símbolo e que inspirou a Logomarca da associação, *Sophranitis coccinea*, retratada pela artista Sílvia Amélia, de quem Orquidário foi das primeiras publicações a falar. A Última Capa mostra, também, em recente trabalho dessa artista, um extraordinário *Oncidium concolor*; esta aquarela ao ser, recentemente exposta no Japão, foi contemplada com uma Medalha de Ouro.

MENSAGEM DO PRESIDENTE

OrquidaRIO...

dez anos se passaram desde a sua fundação!

Quantas lembranças! Quantas emoções! Quantos rostos diferentes!

Alguns ainda se encontram entre nós, outros se foram, mas, com certeza, marcaram sua presença.

Ainda não conseguimos, nestes dez anos, tudo com que sonhamos: nem nossa sede própria, nem nosso orquidário, nem banco de sementes, biblioteca, laboratório e tantas outras coisas...

Será que tantas reuniões, tanto trabalho, tanto sacrifício foram vãos? Nada foi realizado?

Sabemos que não é assim. A final ainda somos adolescentes e, antes de mais nada (talvez isto seja o mais importante), fizemos a sementeira e usamos semente da boa, disto tenho certeza. O resto é uma questão de tempo...

O meio de cultura é bom e a germinação se dá naturalmente: aí estão os jovens, nossos seedlings que já começam a florescer.

Os castelos, os templos caem, transformam-se em ruínas, mas as ideias... estas nem a morte consegue destruir. Enquanto houver fecundação e cápsulas, teremos sementes e, hoje, já andamos no entorno de 1000 cápsulas.

Paciência e dedicação não nos faltam, prova disso é que somos orquídeófilos.

Se perseverarmos, cuidarmos, adubarmos e combatermos as pragas, como fazemos com nossas orquídeas, com certeza seremos, em breve, uma bela, enorme touceira.

Hans Frank



A EVOLUÇÃO DA ORQUIDOFILIA NO RIO DE JANEIRO

WALDEMAR SCHELIGA (*)

AO COMEMORAR O décimo aniversário da fundação da Orquidário - Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S/C, achamos oportuno rememorar um pouco dessa salutar atividade no nosso Estado.

No fim do século passado poucas pessoas se dedicavam ao cultivo de orquídeas e, mesmo assim, de forma empírica. O Brasil era um grande exportador de orquídeas. Em São Paulo, na região do atual bairro Pinheiros, existiam muitas olarias e os oleiros recolhiam da lenha que recebiam da mata os tocos que traziam "parasitas" floridas e as penduravam nas árvores ou beirais dos telhados de suas casas. Tornaram-se, assim, os primeiros orquidófilos paulistas.

No Estado de Alagoas, na mesma época fazendeiros criavam orquídeas em suas propriedades, tanto as nativas da região, como, também, algumas "importadas", principalmente a *Vanda teres* e a *Renanthera coccinea*, trazidas da Ásia por comandantes de navios ingleses. Ainda hoje existem densas cercas vivas dessas plantas em fazendas do interior.

No Estado do Rio de Janeiro, o primeiro orquidário comercial foi fundado por Pedro Maria Binot, em 1870, na cidade de Petrópolis e dedicava-se à exportação de plantas. Em 1921, a firma passou para o enteado Georges Verboonen e, hoje, está sob a direção do filho deste, Jorge Verboonen.

Num ambiente típico de engenho de açúcar nordestino em Alagoas, nasceu, a 25 de agosto de 1903, Luys de Mendonça e

Silva, que, mais tarde, tornou-se o fundador da primeira sociedade orquidófila do Estado do Rio de Janeiro. Desde menino conviveu com o ripado de seu pai e, já aos 4 anos de idade, se extasiava ao observar o desabrochar de uma *Cattleya labiata*.

Luys de Mendonça foi médico, botânico e jornalista, sempre voltado para sua grande paixão: as orquídeas. Certo da necessidade de melhor conhecer nossas orquídeas e, principalmente, difundir a idéia de preservá-las em nossas matas, fundou, a 11 de agosto de 1937, a Sociedade Fluminense de Orquidófilos, em Niterói. Aos poucos a sociedade foi crescendo e, com ela, o sonho de Mendonça de publicar uma revista sobre orquídeas brasileiras. Em setembro de 1938 foi impresso o primeiro número da revista "Orquídea". Posteriormente a Sociedade Fluminense de Orquidófilos transformou-se em Sociedade Brasileira de Orquidófilos - SBO, com sede na cidade do Rio de Janeiro, ainda capital federal. A sociedade prosperou com o trabalho de grandes nomes da orquidofilia da época, como Guido Pabst, Rolf Altenburg, Afrânio Silva Jardim, Jader Manso, Felisdoro Bastos Nunes e tantos outros. A SBO teve seu apogeu com a realização do 1º Encontro Nacional de Orquidófilos e Orquidólogos, em 3 de dezembro de 1980.

Entretanto, o desgaste de uma diretoria, reeleita durante mais de 8 anos, fez com que as atividades da SBO caíssem numa rotina vazia e inoperante.

Diante desse quadro, um grupo de 37 sócios, inconformados com a situação resolveu apresentar em 1986 uma chapa, denominada "Renovação", para a eleição da diretoria naquele ano. Entretanto os com-

ponentes da velha oligarquia, por métodos pouco ortodoxos, venceu novamente a eleição, com apenas 2 votos de diferença.

Na mesma noite, reunidos no Bar Luiz, os dissidentes resolveram fundar uma nova sociedade com objetivos claros e práticos para o progresso da orquidofilia (**)

A nova sociedade não tinha sede e as primeiras reuniões eram realizadas na chácara de Luiz Clemente de Souza, na rua Novo Mundo, entre os bairros de Laranjeiras e Botafogo. Pouco tempo depois, as reuniões foram transferidas para a rua Sorocaba nº 122, num imóvel cedido pela família do sócio Carlos Eduardo de Britto Pereira.

A OrquidaRIO progrediu rapidamente e já em março de 1987 lançava sua revista oficial "Orquidário". Os primeiros números foram com ilustrações em preto e branco. A partir de junho de 1989, a revista passou a exibir capa e contra-capas em cores e de março de 1990 em diante passa a contar com cores no "miolo".

Anualmente, na primavera, a OrquidaRIO realiza sua exposição de orquídeas e, em seguida, organiza um curso sobre o cultivo dessas plantas para os sócios iniciantes, contribuindo, assim, para uma maior divulgação da orquidofilia.

A média de sócios oscila em torno de 1000 titulares, do Brasil e de países estrangeiros. Tal posição jamais foi alcançada por qualquer outra sociedade orquidófila brasileira e o que a coloca entre as maiores do mundo. A OrquidaRIO mantém contato permanente com sociedades congêneres, nacionais e estrangeiras, bem como correspondência pessoal com os maiores orquidófilos internacionais, para troca de experiências e estudos sobre cultivo de orquídeas.

Todo esse trabalho foi reconhecido e

coroado de êxito, com a escolha da cidade do Rio de Janeiro, para sediar a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, a realizar-se de 14 a 23 de setembro deste ano, sendo ela, a OrquidaRIO, a principal sociedade anfitriã.

Em vista disso, em setembro de 1994, foi realizada, no Museu de Arte Moderna, uma exposição internacional, a OrchidRIO 94, seguindo os moldes das conferências mundiais, que procurou ser um ensaio geral para o grande evento de 1996. A OrchidRIO 94 foi um sucesso e proporcionou ensinamentos práticos que servirão de base para garantir o completo êxito da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas.

A trajetória até agora percorrida pela OrquidaRIO comprova que uma sociedade só pode prosperar com a colaboração diligente e permanente de todos os associados. Não fosse isso, ela não teria atingido o grau de grandeza que, hoje, se orgulha de ostentar.

Ultimamente percebe-se, no entanto, que algumas pessoas que, em princípio, praticam a orquidofilia, não são capazes de se desfazer de seu individualismo, olhando somente para seus próprios objetivos e não se importando com o interesse geral da sociedade. Devia ser maior o número daqueles que se esforçam e se preocupam com o rumo da nau e não ficam no muro aguardando os resultados. As orquídeas são obrigadas a viver pacificamente no ambiente que lhes proporcionamos. Por que os associados não podem fazer o mesmo? Com a mesma paciência que as plantas suportam o "cativeiro", também deveremos superar nossas individualidades.



(**) A nova sociedade a que o autor se refere, como se verá adiante, é a OrquidaRIO. Manda a verdade histórica que se diga que apenas 29 desses dissidentes firmaram a ata de constituição da associação, que foi datada de 23 julho de 1986 e registrada em seguida, passando a ter existência legal regular (Ed.).

(*) Rua Almte Saddock de Sá 133/401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ

Archivea Christenson & Jenny

Um gênero perdido do Brasil (Orchidaceae: Stanhopeinae)

Eric A. Christenson e Rudolf Jenny

(trad. Waldemar Scheliga)

OBSERVA-SE, COM CERTA FREQUÊNCIA, gracejos sobre o taxonomista e seus empenho e cuidados com pequenas minudências, que, por vêzes, parecem chegar às raíais do absurdo. O exagerado interesse por minúcias, no entanto, é boa prática científica, pois evita que se cometam erros graves. É por isto que os taxonomistas preferem trabalhar com uma série de dados e materiais, entre os quais espécimes exsicados, flores preservadas em álcool, fotos coloridas, várias plantas da mesma espécie, para estabelecer possíveis variabilidades, e, de preferência, plantas vivas ou, ainda, conhecimento sobre seus hábitos na natureza. É regra geral, no entanto, que os taxonomistas não disponham de tal abundância de material e, costumeiramente, tem menos que o desejável.

Quando um taxonomista julga que o material de que dispõe é insatisfatório para publicação, geralmente põe de lado o manuscrito, à espera de material ou documentação a-

dicionais. Muitos pesquisadores mantêm alguns projetos nessas condições. Era este, decerto, o caso do gênero descrito neste artigo, até bem pouco tempo conhecido tão somente por uma aquarela de 150 anos. O caso, porém, exigia uma abordagem mais conclusiva.

Primeiro, a subtribo *Stanhopeinae*, que congrega bem conhecidos gêneros como *Coryanthes*, *Gongora*, *Peristeria*, *Polycynis* e *Stanhopea*, é um dos mais estudados grupos de orquídeas neotropicais. Estudos taxonômicos integrados das espécies, da sua biologia floral, quimiataxia das fragrâncias florais e biologia da polinização, levaram a um notável e completo quadro desse grupo. Com o desenvolvimento dos estudos no plano molecular e para elucidar a filogenia, ou seja, a história da evolução, por meio de análise correspondente, torna-se necessário que todos os gêneros da subtribo sejam conhecidos. Embora a descrição baseada numa aquarela seja, por definição, incompleta, e sendo impossível pesquisar o DNA numa pintura, pelo menos, com esta publicação, o grosso da morfologia de *Archivea* fica ao nosso alcance.

Segundo, gêneros novos estão sendo descobertos no Brasil (por exemplo, *Schunkea*, Senghas, 1994). Ao lado do compromisso preservacionista, achamos importante enfatizar o número de espécies e gêneros de orquídeas ainda não descritas, aguardando coleta e estudo. Animadora é a comprovação de endemismos e larga biodiversidade que ajudará o esforço de preservação do meio ambiente no Brasil.

Por derradeiro, a próxima Conferência Mundial de Orquídeas que se



realizará no Brasil irá renovar interesse e discussão sobre espécies de orquídeas brasileiras. Esperamos que, ao publicar este raro gênero, possamos despertar o interesse de coletores, cientistas e cultivadores do Brasil para essa planta, o que permitirá futuros estudos mais acurados.

Archivea Christenson & Jenny



Tipo: *Archivea kewensis* Christenson & Jenny

Archivea kewensis Christenson & Jenny.

Tipo: Brasil Hort. Price, aquarela de T. Duncanson (K!)

Etimologia: Alusão ao arquivo do Herbário do Royal Botanical Garden, Kew, Inglaterra.

Pseudobulbos, mais ou menos ovados, fortemente sulcados, unifoliados, cobertos na base por brácteas persistentes e escariosas, folha solitária, plicada, peciolada, lanceolada, acuminada o pecíolo aproximadamente com $\frac{1}{3}$ do comprimento da folha. Inflorescência basal, aparentemente ereta, com mais ou menos 10 flores com duas brácteas separadas, lanceoladas, acuminadas. Flores espalmadas, brancas, com sépalas e pétalas amareladas, as brácteas florais lanceoladas, acuminadas, com a metade do comprimento do ovário. Sépalas largamente lanceoladas, acuminadas, as laterais ligeiramente oblíquas. Pétalas linear-lanceoladas, acuminadas, com $\frac{2}{3}$ do comprimento e $\frac{1}{2}$ da largura das sépalas. Labelo trilobado, lobos laterais erguidos, linear-lanceolados, acuminados, fundindo-se na parte dianteira para formar uma suave quilha, o lobo central longo, oblanceolado, acuminado, arqueado, navicular, quatro vezes mais longo que os laterais. Coluna curta, reta, dilatando em direção ao ápice, clinândrio terminal, em ângulo reto com a coluna, estigma ventral, cercado por estreitas asas, antera oboval com dois compartimentos, polinário não visível, mas, presumidamente, apresentando duas po-

líneas. Ovário teretiforme. Fruto não visto.

A planta original de *Archivea* foi importada do Brasil, em 1816, por Messr. Boure e Cunningham. Floresceu com W. R. Price, um botânico amador inglês e foi pintada pelo artista T. Duncanson. O desenho está datado de 29 de julho de 1823. Nenhuma menção foi dada no desenho.

Reichenbach estudou o desenho: "Videtur *Warmingia* Rchb. f. g. aff. *Notyliae brasiliensis* Rchb. F.". Reichenbach descreveu *Warmingia* em 1881 e ilustrou a espécie-tipo *W. eugenii* em 1883 (N.E. ver pag. 40). Na *Archivea* as folhas são plicadas; os pseudobulbos fortemente sulcados; a inflorescência aparece ereta conforme o desenho; os lobos laterais do labelo são claramente delineados e próximos com orlas inteiras; as pétalas são mais estreitas do que as sépalas, com orlas lisas. Na *Warmingia* (subtribo Oncidinae), por sua vez, as folhas são conduplicadas, os pseudo-bulbos não são sulcados; a inflorescência é flacidamente pendente; os lobos laterais do labelo não são nitidamente delineados, sendo providos de orlas denticuladas.

Quanto às Stanhopeinae, as flores de *Archivea* parecem mais semelhantes à *Horichia* (Jenny 1981) e a planta é mais parecida com a *Cirrhea*. As flores de *Archivea* diferem das de *Horichia* pelo labelo em forma de garra, os lobos laterais unem-se na frente, formando uma suave quilha sem calo, uma coluna espessa e mais curta (menos de $\frac{1}{3}$ do labelo) e o clinândrio em ângulo reto. As flores de *Horichia* possuem labelo sessil, sacato na base, os lobos laterais não são fundidos, um calo verdadeiro, uma coluna delgada e longa (igual ao labelo) e um clinândrio jacente.

Cirrhea (Lindley, 1832) difere de *Archivea* devido à inflorescência pendente, os lobos laterais do labelo, que são iguais ao lobo central, o clinândrio dorsal e o estigma terminal.

O racemo de *Archivea*, como visto no desenho é ereto, mas isto pode ter sido um artifício usado pelo artista ou característica da planta original. Outros taxa das Stanhopeinae com inflorescência ereta, como *Peristeria elata* produzem inflorescências que são que são rigidamente eretas desde a base dos pseudobulbos. O desenho de *Archivea* mostra uma inflorescência que

inicialmente é paralela ao suporte, para, depois, tornar-se ereta, assemelhando-se então às Stanhopeinae com inflorescência pendente.

Agradecimentos

A oportunidade de estudar e fotografar a aquarela de *Archivia* em Kew por Christenson só foi possível graças ao patrocínio da American Orchid Society. A Aquarela de *Archivia* é reproduzida com especial permissão do Diretor e Administrador do Royal Botanic Gardens, Kew.

Bibliografia

- Jenny, R. 1981. *Horichia*, eine neue Gattung des Subtribus Gongorinae. Die Orchidee 32(3):106-109.
- Lindley, J. 1832. *Cirrhea loddigesii*. Bot. Reg. 18: pl. 1538.

– Reichenbach fil., H.G. 1881. VII. - Novitae Orchidaceae Warmingianae. Otia Bot. Hamburg. 2:(7): 48-65.

– Reichenbach fil., H.G. 1883. *Warmingia eugenii*. Xenia Orch. 3(3): pl. 226.

– Senghas, K. 1994 *Schunkea*, eine neu entdeckte Orchideengattung aus Brasilien. Der Palmengarten 58(2):126-128 (Orquidário, vol. 9 (2), abril/junho de 1995)

Eric A. Christenson, Ph.D.
Research Associate
New York Botanical Garden
1646, Oak Street
Sarasota, Flórida, 34236, EUA

Rudolf Jenny
Moosweg 9
3112 Allmendingen, Suíça



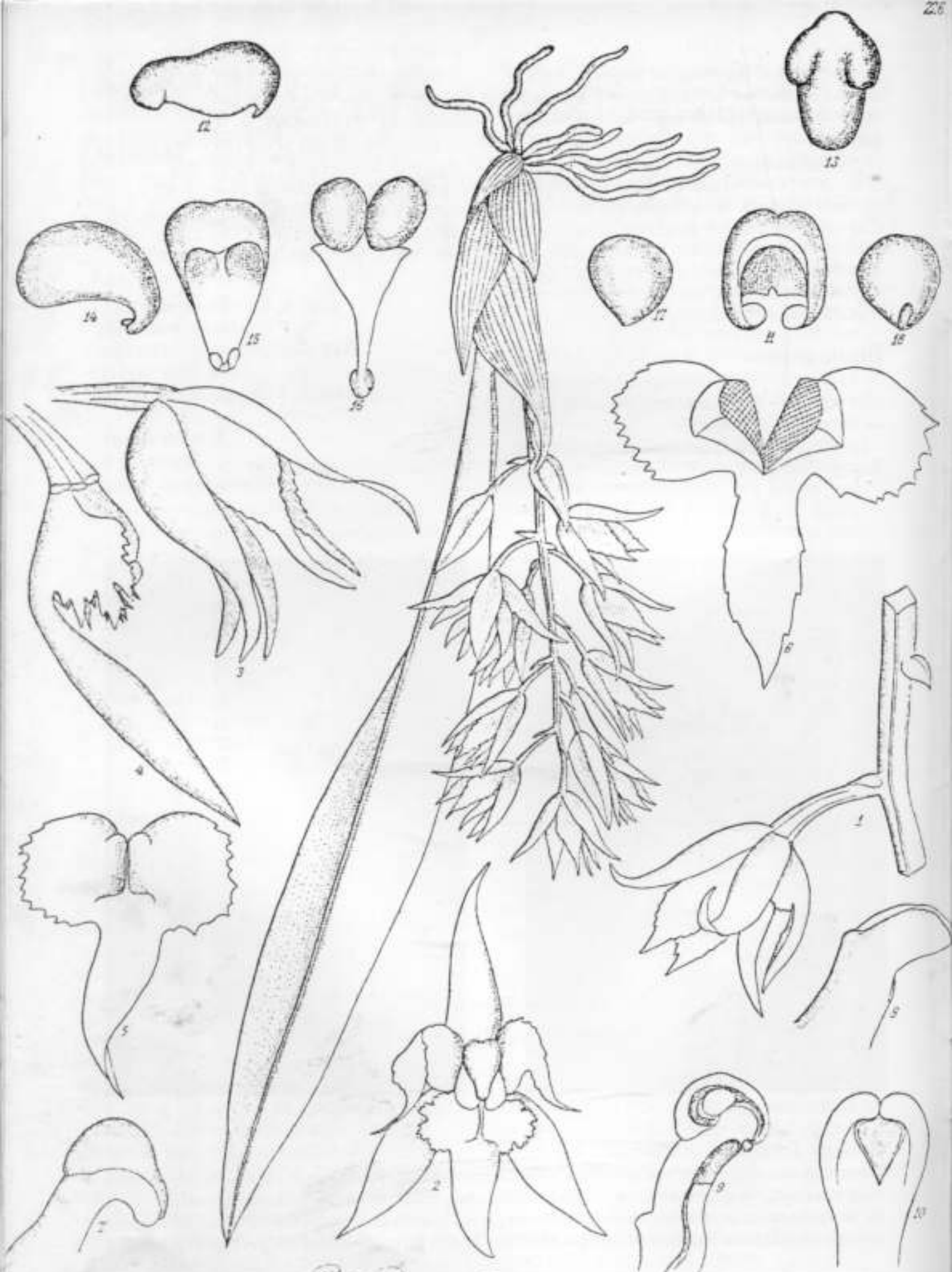
Warmingia eugenii



Cirrhea dependens

Nota do Tradutor

Transmitimos o apelo do Autor aos colecionadores brasileiros que possuam nas suas coleções a planta descrita acima, *Archivia*, no sentido de fornecerem fotos, desenhos, informações sobre habitat, etc. e, até mesmo, plantas vivas (para remessa destas, entrar em contato com Waldemar Scheliga, no seguinte endereço: Rua Almte. Saddock de Sá/Apto 401 - 22471-030 - Rio de Janeiro, RJ. Tel.: (021)267 8384).



Harmingia Eugeniae Rehb.

Orquidário - 10 anos, uma já longa mirada sobre as

Volume 4, nº 4, 1990
outubro, novembro e dezembro

Orquídeas.

Raimundo Mesquita^(*)

CREIO QUE NADA MELHOR PARA retratar estes 10 anos do que lançar um olhar retrospectivo sobre os anteriores 39 números de Orquidário: 1106 páginas impressas, 861 de texto, e 894 ilustrações, a cores e em preto e branco.

Começou de maneira modestíssima, sendo os primeiros números impressos a partir de fotocomposição, em que se vê a marca indelevel das primeiras máquinas de escrever elétricas, da IBM, aquelas de esfera. Veem-se páginas escritas com os tipos "paica" ou "elite", etc. Ainda não havia muita preocupação em identificar a autoria de desenhos e ilustrações (vejamos, a falta de indicação dos autores da foto da capa, da ilustração na folha 4, *Catasetum vinaceum* Hoehne, do *Doritenopsis*, na folha 10, e assim por diante). Quem sabe pensava-se que a publicação era tão pequena, modesta e efêmera que essas pequenas infrações às leis dos direitos autorais não tinham relevância econômica para os autores. Eram tempos românticos... Mas é importante ver, que não estão tão longe assim, até mesmo para esses "bichos da terra, tão pequenos" e de tão curta duração, como somos nós, humanos...

A modéstia da forma, contudo, não era acompanhada pelo conteúdo, que, já no primeiro número, era muito bom, com 3 artigos de Roberto Agnes (sobre julgamento de orquídeas; sobre *Phalaenopsis* e sobre *Disa*, numa série, que iniciava, sobre orquídeas africanas e que ficou em apenas três, as mais conhecidas, *Disa*, *Ansellia* e *Angraecum...*), de Francisco Miranda, o Editor, sobre o gênero *Laelia*, e o famoso e oracular texto de Alvaro Pessôa, introduzindo a aplicação da "Lei da Implicância Natural das Coisas" ao reino da orquí-

dofilia.

Apareceram, também, umas ilustrações de *Laelia*, que, depois, viriam revelar uma, então, pouco conhecida, mas já promissora, ilustradora botânica, Cristina Miranda, que, mesmo sendo casada com o Editor, não foi identificada...

A experiência de Orquidário, não há que ter dúvidas, tem sido sumamente importante para todos nós que a temos construído, construindo a Orquidário.

Mesmo experientes e competentes orquidófilos como já eram, naqueles tempos iniciais, os três que citei acima, muito terão aprendido com este fazer, que incita e mexe com as melhores e mais importantes qualidades intelectivas de cada um. Quantas vezes não fomos reptados a estudar alguma coisa, para produzir um texto mais informativo, mais rico de conteúdo, de melhor forma? Quantas outras não tivemos que estudar sobre editoração? E quantas e quantas vezes, o aprendizado não ficou evidente nos erros cometidos?!

Escreveu, um dia, Joseph Conrad que a ignorância e o despreparo nos dão a audácia necessária para empreender... Foi o que aconteceu com a Orquidário e com sua voz, Orquidário. Tiveram, tivemos a capacidade, ou, melhor dizendo, a coragem de ousar e os resultados estão aí, para serem avaliados e julgados. Nós, os que a iniciaram e os que, somando-nos àqueles, participamos desse esforço, estamos certos de que o resultado terá sido, de longe, positivo.

Os Erros e os Acertos.

Forçoso é convir que nestes 10 anos, muitos e muitos erros terão sido cometidos, alguns, a maioria, por culpas nossas, outros

nem tanto, resultado que foram de erros de autores de artigos e posta a preocupação editorial de respeitar, no mais possível, o texto remetido pelo autor, que, em alguns casos, consultado, manteve sua posição. Em outros casos, resultaram de "correções" feitas por esta versão moderna dos "diabinhos das tipografias", que são os revisores de provas, outras, ainda, resultantes das limitações das empresas gráficas que nos atendiam, porque só aquelas nos permitia contratar o nosso curtíssimo orçamento.

Como a maioria das mais importantes revistas orquídeas do mundo, tivemos fotos de boa feitura borradas por que uma das seleções de cor deslocou-se na hora da impressão ou por que a gramatura do papel abriu com o calor. Tivemos, também, as nossas fotos de flor literalmente de pernas para o ar e isto não foi causado pelo peculiar fenômeno de "resupinação", mas por tentativa de acerto dos montadores de páginas, que, vez por outra, pensavam que, como é o segmento mais belo da flor de orquídea, o labelo deve ficar no alto da foto.

Exemplo dos nossos erros, quando levamos às últimas consequências o respeito ao manuscrito do autor, está no nosso último número (Vol. 10, no. 1, pag. 7), quando foi descrita uma espécie nova, do Espírito Santo, equivocadamente denominada no texto original como *Kaustkya*, sendo visível o equívoco do truncamento de nome (que deveria ser *Kautskya*), eis que o apelido foi dado em homenagem ao emérito capixaba Roberto **Kautsky**.

Cometemos erros de toda sorte, de atribuição de autoria, em história já bem conhecida dos leitores, outros gramaticais, alguns de nomenclatura, que passaram pelos corretores ortográficos eletrônicos e pelos meios convencionais de revisão, mas que raramente passaram, infelizmente depois, por dois atilados, ferozes e competentes censores, que, por muito amor à qualidade

da nossa publicação, com regularidade os identificam e apontam, Waldemar Scheliga e Oscar V. Sachs Jr....

Temos alguns erros já "clássicos", como o de não ter visto que uma gravura de Freire Alemão que publicamos no Vol. 7,

nº 1, pag. 25, era uma *Rodriguezia obtusifolia* e não, como publicado, *Ionopsis utricularioides*. Corrigiu-nos Frau

Irene Bock, da Alemanha, através de carta que publicamos no Vol. 7, nº 3, pag. 108. E é melhor parar por aqui, para não ter de falar em outros muitos, como, por exemplo, o de nem sempre ter-se seguido a numeração de páginas, por volume anual, como deve ser, mas, durante alguns períodos, numerando-se páginas como se os números não integrassem um volume anual...

Quanto aos acertos, é só compulsar os números publicados ou correr os olhos pela coluna de correspondência, a conhecida e muito usada **Sementeira dos Sócios**.

Imenso acerto, ou, dizendo melhor, passo essencial foi a introdução das cores. Primeiro, timidamente, nas capas, começando por tingir de vermelho a logomarca da sociedade, no nº 2, do vol. 3, para, logo depois, no 4º número daquele mesmo ano, adotar as 4 cores nas capas (aliás, uma das mais belas dentre as publicadas até aqui) e, em seguida, colorir toda a revista, tudo isto num curtíssimo lapso de tempo. Sem querer estabelecer paralelos e nem mesmo comparações, pois isso seria impossível, é bom ver que o Bulletin da American Orchid Society (Orchids, como passou a chamar-se a partir deste ano), sem dúvida nenhuma o padrão de qualidade e, hoje, fonte inspiradora das melhores publicações mundiais, precisou de cerca de 17 anos para ter cores.

Na verdade a primeira grande reforma de Orquídeas foi a adoção de composição tipográfica e a mudança do lay out e escolha de projeto gráfico que mudou radicalmente a fisionomia da publicação. Isto se deu com

Projetos. Sucessos e insucessos.

Sonhamos muito e sonhamos alto nestes dez anos. Realizamos, sem dúvida, grande parte do projeto, mas muito ficou por executar, há algumas frustrações e não poucas decepções.

Não se pode deixar de reconhecer que está em bom andamento o projeto de construir uma sociedade orquidófila moderna, em que, ao lado do lazer, se possa, como cabe, estudar seriamente a orquídea como ser vivo e objeto de contemplação, bem da natureza

a ser preservado, sabendo-se, embora, que, para isto, é preciso preservar mais do que a família Orquidácea para que se possa ter nos habitats essa joia. São evidências dis-

so Orquidário e duas pequenas publicações, da série dos Manuais, o de nº I, Iniciação à Orquidofilia, e o de nº II, Pequeno Glossário do Vocabulário Orquidófilo, ambos merecendo reedição atualizada, por que foram sucessos editoriais e se acham esgotados.

No terreno das frustrações, há duas grandes.

A primeira, o sonho da sede própria que não fique na dependência da generosidade alheia (e nesse particular tem a Orquidário sido bem servida, desde o abrigo inicial que lhe deu Luiz Clemen-

te Ferreira de Souza, na sua chácara na Ladeira Novo Mundo, até a última instalação, no confortável auditório, que lhe é cedido por empréstimo pelo Instituto

de Organização Racional do Trabalho -

"Quando este número estiver circulando, a Orquidário estará celebrando seu quarto ano de existência. Quatro anos nos quais a vimos crescer de um pequeno grupo de entusiastas até tornar-se uma das mais importantes sociedades orquidófilas hoje existentes no Brasil.

"Grande conquista foi a introdução das cores no corpo da Revista, feito sem precedentes no país."

Roberto Agnes, no Editorial ao nº 1 do vol. 4

IDORT). Estivemos bem próximos de alcançar este ideal, conforme se relatou na pag. 23, do nº 4, do vol. 3, mas circunstâncias políticas e conjunturais tem impedido, até agora, que isto se concretize.

A segunda é não termos podido ainda implementar o projeto de instituir um sistema, específico e próprio, de julgamento. Nesse sentido, demos alguns passos, como foi o lançamento do projeto PULCHRA, nossa revista de premiações e qualidade, que não conseguiu passar de quatro números (começou com um pioneiro e experimental número 0) e teve que ter suspensa sua publicação por que é um projeto ambicioso

e caro, do ponto de vista de custo gráfico, como, também, por que, para ser de âmbito nacional e não ficar limitada às coleções e exposições do Rio, com idas eventuais a São Paulo, nos obrigaria a

custosos deslocamentos ou a contar com uma rede nacional de juizes e fotógrafos, pre-parados segundo os nossos critérios. A pecúnia de uma sociedade orquidófila, como todos sabem, é curta e as generosas doações para o Fundo de Apoio à Orquidário, que apareciam nos números antigos da revista, ralearam... Poucas permanecem, como é o caso da Editora Quinta Cor, do Benemérito Jorge Getúlio da Veiga, que continua nos doando o papel de alta qualidade que Orquidário ostenta (vejam o

do último número!).

Os momentos de humor

Nem sempre Orquidário manteve a sisudez que os nossos sócios e leitores merecem e

esperam de nós. Aqui e ali pareceu-nos que

"Gostei muito da sua revista "Orquidário".

Uma das minhas principais atividades é com relação às aquisições para a Biblioteca. Porém, sobre a revista ainda não tinha tido notícias. É uma pena, porque o Brasil é o segundo maior detentor de orquídeas e, no entanto, com relação a publicações continua tímido"

Manfred Wolf, redator da revista alemã "Die Orchidee"

era o caso de dar um pouco de humor, algumas vezes ostensivo, outras oculto (e, aí, sempre nas proximidades do 1º de abril... Já é hora de falarmos disso e ainda o faremos, mas antes gostaríamos de repletar os leitores que identificaram aquelas brincadeiras, que nos escrevam. Sortearemos um livro entre os acertadores.

O Futuro

É de prever que, com a bagagem que já carrega, possa a Orquidário sair-se bem do desafio do futuro, a começar do bem próximo que é a realização da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, junto com outras sociedades irmãs (a AOSP, de São Paulo, a AMO, de Minas Gerais e a AEO, do Espírito Santo) e contando com a ajuda e participação de miríade das mais expressivas sociedades orquidófilas brasileiras.

Não há dúvida de o caminho será cada vez mais difícil, porque os problemas e dificuldades já serão numa escala mais elevada. Vamos ter que reconhecer, em algum momento (e estou convencido de que este momento vai ser muito em breve, ou, quem sabe,

já tenha chegado ou esteja iminente), que os tempos heroicos do puro amadorismo e da improvisação não nos ajudarão mais a caminhar e vamos ter que encontrar uma forma de convivência entre uma organização profissional para funcionamento da nossa entidade

"É preciso abrir a mente e as idéias à nova realidade. Acabou o tempo dos juntadores de plantas do mato! (...) Cabeça, como lembrava em recente conversa nosso associado Hans Künning, é como para-quedas: "Só serve para alguma coisa, quando abre". Vamos manter nossas cabeças abertas para o bem do futuro da orquidofilia brasileira e enfrentar com grandeza a nova realidade"

Álvaro Pessoa, então Presidente da Orquidário, em Orquidário, vol.3 nº 3, pag.22.

e a prática amadorística de uma sociedade de culti-vadores que têm na orquídea o seu hobby. De novo, creio, vale a pena meditar no modelo da American Orchid Society, que tem uma estrutura administrativa altamente profissionalizada, chegando mesmo a revestir-se de forma societária de empresa (é uma Incorporated - Inc., que no nosso sistema jurídico corresponderia a

uma sociedade limitada), enquanto que sócios e dirigentes são predominantemente amadores.

Teremos que resolver os problemas que ficaram pendentes, a instalação "num vaso definitivo", como escrevi tempos atrás, numa das minhas primeiras colaborações para esta revista, ou seja na Sede própria. Teremos que retomar o projeto Pulchra, não por que represente uma "Vanity Fair", mas por que é base para um projeto mais amplo e fundamental, de instituir um corpus próprio de avaliação e julgamento.

Por último e o que me parece mais importante, continuando com sua identidade e peculiar fisionomia, promover a aliança com as Universidades e centros de pesquisa em torno da realização de trabalhos científicos que tomem a orquídea como centro de interesse.

Tudo isto não será difícil desde que tenhamos a coragem da inocência e a vontade férrea dos desbravadores que, não sabendo exatamente os perigos que os esperam, resolvem enfrentá-los e acabam por vencer.

"O evento provou que, quando se deixa de lado provincianismos, bairrismos, vaidades e diferenças pessoais em benefício de um objetivo comum, somos capazes de grandes realizações. Certo, sabemos que nem tudo foi perfeito, mas as pequenas sombras não ofuscaram o brilho do evento..."

Hans Frank, Presidente da Orquidário, a propósito da Orchidário 94, no vol.8, nº 4.

**(*) Rua D. Mariana, 73 /902
22.280-020, Rio, RJ**

TENDÊNCIAS MODERNAS EM PHALAENOPSIS

Luiz Hamilton Lima (*)

DURANTE ESSA ÚLTIMA DÉCADA em que a nossa Sociedade Orquidófila **Orquidário** desenvolveu-se na maior e mais atuante do Brasil, o mundo orquidófilo assistiu a vários fenômenos importantes. Entre eles está a supremacia em popularidade dos híbridos de *Phalaenopsis* nos Estados Unidos, Europa e Japão.

Os motivos dessa popularidade são a facilidade de cultivo desse gênero de orquídea como planta de interior, floração abundante e extremamente duradoura, hoje disponíveis em todas as cores e matizes, do vermelho até mesmo ao azul cerúleo.

Em vários artigos anteriormente publicados no nosso Boletim **Orquidário** por este autor, discutimos o 'estado da arte' dos *Phalaenopsis* albos, semi-albos, rosa, estriados, pintalgados e amarelos. Esses grupos, com exceção, talvez, dos amarelos, já atingiram um grau de desenvolvimento em forma e cor quase perfeitos.

Atualmente, o trabalho de vanguarda entre os hibridadores de *Phalaenopsis* concentra-se na criação de plantas multiflorais miniatura e semi-miniatura extremamente floríferas, e de vermelhos de cor intensa e maior número de flores por haste.

No grupo dos *Phalaenopsis* vermelhos, as espécies que tem contribuído com maior sucesso para atingirmos os objetivos descritos acima são: *Phalaenopsis lueddemanniana*, *venosa* e *violacea*. Exemplos de sucesso nessa linha de hibridação são *Phalaenopsis* Embers 'Zuma's Diablito', *Phalaenopsis* Cordova 'Bonnie Vasquez',

e *Phalaenopsis* Venimp 'Evergreen Hill' AM/AOS.

Na criação de *Phalaenopsis* vermelhos de qualidade tem-se obtido os melhores resultados, em coloração, quando são utilizados as espécies *Phalaenopsis lueddemanniana* e *Phalaenopsis violacea*



Phal. Zuma's Pixie.

George Vasquez

e seus híbridos primários, em combinações sucessivas com híbridos complexos que apresentem um número máximo de flores por haste. Um bônus adicional, muitas vezes esquecido, da utilização da espécie *Phalaenopsis violacea* é a transmissão genética dominante do seu forte e delicioso perfume 'tutti-frutti', único entre as espécies de *Phalaenopsis*.

Porém, a verdadeira revolução nos padrões de preferência do público orquidófilo, principalmente o americano, europeu, e japonês, está acontecendo com a introdução e desenvolvimento recente de híbridos multiflorais semi-miniatura e miniatura de *Phalaenopsis*. Esses híbridos estão se tornando a grande vedete dos

catálogos coloridos dos principais produtores de *Phalaenopsis* de vanguarda, pela sua grande facilidade de floração em hastes múltiplas ramificadas, em plantas de pequeno porte, a partir de sete centímetros de envergadura de folhas (vaso de 2").

Para o cultivador orquidófilo essas plantas são perfeitas para decorar, por exemplo, um peitoril iluminado da janela de casa; e para o produtor comercial elas

permitem um número muito maior de plantas floridas em cultivo por metro quadrado de caríssimo espaço na estufa!

A espécie principal responsável por essas maravilhosas plantas, é o *Phalaenopsis equestris* nas suas diversas variedades: semialbo ou var. *leucotanthé* (flores brancas com amarelo no labelo), var. *illocus* (rosa de flores grandes com callus do labelo branco), var. *leucaspis* (rosa escuro de flores grandes e boa forma com callus amarelo ouro) e var. *rosea* (rosa aquinado com callus amarelo).

Quando combinado com híbridos primários de outras espécies, principalmente *Phalaenopsis stuartiana*, ou ainda híbridos complexos selecionados, *Phalaenopsis equestris* tem produzido resultados fantásticos.

Phalaenopsis Cassandra (*Phal. stuartiana* x *Phal. equestris*) é um híbrido primário essencial ao desenvolvimento dos *Phalaenopsis* multiflorais. Curiosamente, esse cruzamento foi feito em 1896 por Veitch na Inglaterra, e repetido inúmeras vezes recentemente, usando-se matrizes selecionadas, com resultados muito melhorados.

No início da década de 90, *Pha-*



Phalaenopsis EMBERS 'Zuma's Diablito'

George Vasquez

laenopsis Carmela's Pixie (*Phal. Cassandra* x *Phal. Terilyn Fujitake*) estabeleceu um novo padrão para os *Phalaenopsis* multiflorais, ganhando o prêmio Herb Hager da American Orchid Society de melhor *Phalaenopsis* do ano em 1992. Logo em seguida, um novo patamar de beleza e harmonia em miniatura foi atingido pelo híbrido *Phalaenopsis Zuma's Pixie*, que já ganhou mais de 12 prêmios da American Orchid Society e no Japão, inclusive o disputado Award of Quality para cruzamentos excepcionais. Retrocruzamento entre *Phal. Carmela's Pixie* e *Phal. equestris*, esse híbrido tem se destacado também como matriz de um grupo com flores de cores variadas em tons rosa e roxo em multiflorais miniatura extremamente floríferos.

Outra classe de *Phalaenopsis* multiflorais semi-miniatura de qualidade, é a dos semi-albos aquinados. *Phalaenopsis Mini-flash* e *Phalaenopsis Be Tris* (semi-miniatura e miniatura, respectivamente) representam muito bem esse exótico grupo.

Na categoria dos semi-albos aquinados, a variedade *rosea* do *Phalaenopsis equestris* é a responsável pela criação desse tipo de característica.

Substituindo os tradicionais *Pha-*

laenopsis albos gigantes na preferência dos orquidófilos, e mesmo no mercado de plantas floridas, estão sendo desenvolvidos plantas semi-miniatura e miniatura semi-albas de labelo amarelo e laranja. Exemplos nessa categoria de plantas são: *Phalaenopsis*. Culiacan (*Phal* Gato x *Phal*. Fairy Tale) e *Phalaenopsis*. Martha's Gem (*Phal*. Martha Daniels x *Phal*. equestris).

As principais espécies ancestrais nessa categoria são *Phalaenopsis equestris* semi-albo var. leucotanche, *Phalaenopsis amabilis* e *Phalaenopsis aphrodite* var. formosana.

Recentemente, nos famosos leilões de plantas ornamentais da Holanda, plantas floridas de *Phalaenopsis* Culiacan em vasos de 3", alcançaram preços superiores ao de plantas albas tradicionais em vasos de 6", demonstrando a atratividade desse novo padrão de beleza !

Num mundo globalizado cada vez menor, dominado por micro-computadores e micro-chips, também as orquídeas-borboleta estão se miniaturizando, espalhando seu encanto e profusão de flores coloridas pelos nossos lares!



Phal. MINIFLASH

George Vasquez

(*)Rua Vitorio Peneluppi, 284
12240-150 São José dos Campos,
São Paulo

Orquidário Warneri de Olga e Tibério

Especializado em plantas de Minas Gerais e do Espírito Santo. Seedlings de *Phalaenopsis* e *Catasetum*. Produtos para cultivo. Revendedor Coxim. Adubos nacionais e importados: Yogen, Peter's, Plant prod. Defensivos. Tela sombrite, cachepôs e etiquetas de plástico.

Rua Vicentina de Souza, 469
31030-240 - Belo Horizonte, MG
Tel./Fax.: (031)461 0860

Uma Orquídea

Para o Papa

Oscar V. Sachs Jr. (*)

O PROFESSOR SALVADOR DE TOLEDO PIZA, cientista da Escola de Agricultura de Piracicaba, na década de 1950, era um grande contador de histórias. Menino, eu ficava no meu canto, embevecido, ouvindo os seus "causos", suas piadas, suas narrativas de viagem, no casarão da rua Bom Jesus, de meu tio Alberto Sachs e tia Branca, lá na noiva da Colina. Lembro-me bem dele contando de um general sulamericano, desses com o peito cheio de medalhas e rosetas, em visita à Luís de Queirós, recuando apavorado diante de uma caranguejeira mostrada na palma da mão, pelo professor, e ouvindo dele: "General, o senhor que comanda exércitos em batalha, tem medo deste bichinho?"

Pois ele também contava que, estando em Roma para um congresso científico, quis, como bom brasileiro, ver o papa - como ir a Roma sem ver o papa? Com muita tranquilidade, foi ao Vaticano e perguntou a um guarda-suíço (aqueles jovens da velha Helvetia, que por tradição e até por compromisso familiar, prestam serviços ao Papado, vestindo aquelas roupas levemente ridículas, medievais) como fazia "para ver o Papa". O guarda-suíço se encrespou: "Il papa, no! Sua Santità Il Papa!"

Eram tempos de Pio XII, um papa com cara de quem não estava gostando. Logo em seguida veio o simpático João XXIII que nunca recusaria um bom copo de vinho, menos ainda um gesto de caridade por seu semelhante. E depois dele veio Paulo VI, que antes da fumacinha branca era o cardeal Montini, e aqui eu paro, pois foi com ele a história do papa e da orquídea brasileira.



A *Sophronitis coccinea*, como todos sabem, inspirou a logomarca da OrquideaRIO

História que se passou com meu fraterno amigo Walter Filippetti, peninsular genuíno, cuja casa em São Bernardo do Campo frequentei muitas vezes, passando muitas horas falando de nossa paixão comum pelas orquídeas. Pois o Filippetti, que já atravessou o portão para o Grande Mistério, era um fantástico contador de histórias, desses que basta você provocar com uma perguntinha. E um dia eu lhe pedi que me contasse a caso da flor do papa, de que já ouvira falar.

E foi assim: São Bernardo (e o ABC todo) em outros tempos se caracterizava pela presença do imigrante italiano, acho que menos só em Roma, no Bixiga e no Quiririm. Eram chamados, os são bernardenses, de "ceboleiros", em permanente rivalidade com os "batateiros" de Santo André. Entre outras atividades, os italianos mantinham cantinas, especializadas em frango com polenta, naquela avenida

atrás da Volkswagen - por onde você vai à chácara do Sumio Nakashima -, hoje uma das maiores concentrações de bons restaurantes da Grande São Paulo.

O Filippetti tinha uma fábrica de harmônicas, as concertinas e entre uma venda e outra mantinha amizade com toda a colônia italiana. Lá no meio deles apareceu de visita a uns parentes um frei italiano, de quem não guardei o nome, acho que um franciscano, desses de sandália no pé, uma pessoa muito simples mas que era nada mais nada menos que o confessor do papa! Pois o papa, tido como infalível nas coisas da igreja, é, no mais, um ser humano comum, que há de ter seus pecadinhos, uma gulazinha, a vontade de torcer o pescoço de "un certo cardinale", a raiva de ter que atender outro político brasileiro, coisinhas assim.

O Filippetti teve, então, a idéia de mandar uma orquídea brasileira para o papa e o frei confessor se prontificou a levá-la. Nosso amigo preparou num vaso, com muito cuidado, uma touceira de *Sophranitis coccinea*, dali perto, da serra do mar, com muitas flores abrindo, acondicionou-as adequadamente e lá foi a plantinha de avião

para Roma, na bagagem de mão do frei. Naquele tempo as coisas eram mais simples, hoje poderia até ser crime (já está prescrito), no mínimo um pequeno pecado (já está absolvido).

No dia seguinte estava ela (soube-se depois) toda florida, uma das mais lindas orquídeas brasileiras, com aquele escarlate maravilhoso, na mesa de trabalho do papa Paulo VI. Contou mais tarde o frei-confessor, em outra visita, que o papa se emocionou profundamente. Mostrou a planta florida numa reunião da Cúria e comentou: "Lá longe, no Brasil, um cristão se preocupou em mandar de presente ao papa esta flor brasileira de tanta beleza!"

O velho amigo Filippetti mostrava a benção apostólica que recebera do papa e chorava como uma criança ao contar essa história. E lá ficou a touceira de *Sophranitis coccinea* preparada pelo Walter Filippetti, enfeitando o orquidário do Vaticano e emocionando o papa. Ou, como o guarda-suíço, Sua Santidade o Papa!

(*) Caixa Postal 119 - 12010-970 - Taubaté, SP

Florabela - Orquídeas

**Reserva orquidófila em mata nativa recuperada.
Mata artificial de Dracenas, além de orquidários convencionais
Érico de Freitas Machado**



C.P.01-0841- CEP 29.001-970 - Vitória, ES.
Tel.:(027)227-6136.

46 anos de experiência na proteção de mais de 400 espécies nativas do Espírito Santo

CATASETUM VINACEUM HOEHNE

ÁLVARO PEREIRA (*)

Até pouco tempo atrás, eu pensava que tendo um exemplar de cada espécie de *Catasetum*, seria possuidor de uma coleção maravilhosa, o que não deixa de ter sua verdade, mas não inteira. Quando, porém, surgiu a ABRAC (Associação Brasileira de Cultivadores de Catassetíneas) e comecei a participar de seus encontros e ver as projeções de fotos, assim como com o desenvolvimento do meu trabalho de campo, tive um grande impacto: era impressionante a variedade de cores dentro de uma mesma espécie. S



Por coincidência, um dos *Catasetum* que talvez tenha maior variabilidade de colorido vegeta no meu Estado, o que torna mais fácil estudá-lo.

Como já relatei em Orquidário, estamos, desde 1993, empenhados no trabalho de salvar as orquídeas do Mato Grosso do Sul do fogo e de outras formas de destruição como o apodrecimento consequente das grandes derrubadas de matas para abrir espaços para pastos e lavouras. Isto nos tem propiciado material de estudo, observação e fotografia.

O colorido dessa espécie vai da forma alba, passando por amarelos, verdes até vermelhos intensos e brilhantes que justificam a sua denominação, oferecendo-nos a mais inimaginável mistura de cores. Tenho notado que, em

média, cerca de 35% das plantas são albas na natureza.

Catasetum vinaceum, sinônimo: *Catasetum taquariense*, prevalecendo o primeiro em virtude da precedência de descrição.

Distribuição geográfica: matas do rio Sepotuba e afluentes do Rio Paraguai, no Mato Grosso, e rios Coxim, Taquari e Sucuriú, no Mato Grosso do Sul.

Todos os esforços estão sendo feitos pelos cultivadores dos dois estados para manterem os melhores clones, com vistas à preservação da espécie, pela reprodução em cultivo, e, mesmo, pensando na possibilidade de sua reintrodução na natureza, se algum dia isto vier a ser possível.



Forma alba



Amarelo



Avinhado

(*) Rua Maracajú,
1062, Bloco C,
Apto 103
79002-212, Campo
Grande, MS.

Cydoniorchis

Um novo Gênero da Subtribo Lycastinae

Dr. Karlheinz Senghas (*)

Trad. Waldemar Scheliga

9 GÊNEROS APENAS COMPÕEM o grupo da subtribo Lycastinae. Largamente conhecidas e cultivadas são as espécies de *Lycaste*, assim como *Anguloa* e *Bifrenaria*. As demais espécies, *Xilobium*, *Adipec* (= *Stenocoryne*), *Rudolfiella*, *Neomoorea* e *Teuscheria*, raramente são encontradas em cultivo.

A única espécie do gênero *Horvatia*, *H. andicola* Garay, nem é conhecida ao vivo. Dela só existe a primeira, descoberta no Equador, Província de Canar, a 2700 m de altitude e sua descrição só pôde ser feita de forma incompleta.

Através do único desenho existente na bibliografia, a planta seria facilmente identificável. Assim, com um novo achado e conseqüentemente um exame da planta viva seria possível consolidar sua inserção sistemática.

Na elaboração de edição da clássica obra coordenada por SCHLECHTER "Die Orchideen", o autor do presente artigo acabou de concluir o 29º fascículo, justamente o relativo às Lycastinae, completamente revisto e atualizado. É oportuno destacar, a propósito, que esta é a primeira abordagem do conjunto da subtribo. Resulta disso a constatação de tratar-se de de uma aliança neotropical, que se difunde desde o México até o Brasil, composta atualmente de 10 gêneros, com um total de 113 espécies conhecidas. Na Alemanha são cultivadas, pelo menos, 80 espécies (pouco mais de 70% do gênero).

A presente publicação foi motivada pela verificação que entre as 11 espécies do

gênero *Bifrenaria*, plantas quase exclusivas do Brasil, existem duas espécies - *B. tetragona* e *B. wittigii* - que não se acomodam às características desse gênero. As *Bifrenarias* apresentam, como única e geral diferença com relação a *Lycaste*, apenas um polinário e estipe que não é singelo - como em *Lycaste* -, mas duplo ou, pelo menos, fortemente bifurcado. No caso de não levar-se em conta essa característica diferencial, as *Bifrenarias* deveriam ser reunidas com *Lycaste*, o que, porém, não faria sentido para o sistematizador, nem ao cultivador ou orquidófilo. De qualquer forma não se pode simplesmente transferir as duas espécies para *Lycaste*. Essa hipótese é descartada pela apresentação de apenas uma inflorescência - enquanto as duas espécies em questão sempre apresentam 3 ou 4 flores - e, além disso, hábito floral completamente distinto. Em *Bifrenaria* posição inclinada de pétalas e sépalas enquanto que em *Lycaste* aquelas são sempre completamente abertas.

As demais características das duas espécies confirmam indubitavelmente, por um lado, a sua condição de Lycastinae, enquanto que, por outro lado, a sua conformidade com os outros gêneros do grupo acima mencionado se torna menor. Diante disto, não resta outra alternativa se não constituir um novo gênero para as mesmas. As duas espécies do novo gênero apresentam flores intensamente perfumadas. A espécie tipo exala odor de marmelo e daí a origem do nome do novo gênero (*Cydonia* = marmelo).

Cydoniorchis Sengh. gen. nov. distingue-se do gênero *Bifrenaria* pelo seu estipe singelo; do gênero *Lycaste* pela inflorescência multiflora e aspecto das flores

caracterizado pela posição das sépalas.

Cydoniorchis Sengh. gen. nov. differt a genere *Bifrenaria* stipite simplici, a generer *Lycastide* et inflorescentia pauciflori et habitu floris altero (ex iconibus). Typus/typus generis: *C. tetragona* (Lindl.) Sengh.

Duas espécies do sudeste do Brasil: *C. tetragona* (Lindl.) Sengh. comb. nov.; basônimo: *Maxillaria tetragona* Lindl., Botanical Register 17, t. 1428, 1831.

C. wittigii (Rchb. f.) Sengh. comb. nov.; Basônimo: *Lycaste wittigii* Rchb. f. Gardeners Chronicle, N.S. 10, 1878, pag 654.

Descrição do Gênero:

Bulbos aglomerados, robustos, quadrangulados, unifoliar, verde-amarelados, folha sem haste basal. Inflorescência saindo da base do bulbo, de 3 a 4 flores, ereta até levemente inclinada, comprimento pouco maior do que os bulbos, haste curta. Flores m/m 4 cm de envergadura, pouco abertas devido à posição das sépalas, perfumadas. Sépalas e pétalas semelhantes, as pétalas pouco menores, colorido igual. Labelo com fundo trilobado, na parte basal fortemente côncavo, quase impossível espalmar; calo muito curto e largo situado no centro do labelo, a parte anterior ao disco, livre. Coluna curta e grossa, comprido prolongamento da base; nele estão inseridas as sépalas laterais altamente assimétricas, formando um mento saliente, curvo e obtuso; estigma em posição transversal, estreito; rostelo curto, tridentado. Polinário com 2 pares de políneas de tamanho desigual; estipe simples, alongada; viscidio oval, somente visível pela parte posterior.

As duas espécies se diferenciam da seguinte maneira:

1) Sépalas e pétalas verde-claro até verde-amare-

lado, irregular principalmente nas pontas, estrias castanho-amarelado até branco, face superior do lobo lateral esverdeado unicolorido ou com salpicos purpúreos; lobo central côncavo, glabro, intensamente purpúreo; flores com odor de marmelo.

Floração no habitat: geralmente em julho; Brasil (Estado de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul).

Lycaste tetragona (Lindl.) Lindl.; *Bifrenaria tetragona* (Lindl.) Schltr.

C. tetragona Sengh.

2) Sépalas e pétalas com espesso e intenso colorido contrastante cor de vinho estriado sobre fundo amarelo; labelo azul até azul-avermelhado com traços violáceos. Os lobos laterais estriados, o lobo central pontilhado; lobo dianteiro, convexo, solto, piloso; flores exalam perfume de rosa. Brasil, (Espírito Santo e Minas Gerais).

Lycaste wittigii Rchb. f.; *Bifrenaria wittigii* (Rchb. f.) Hoehne.

C. wittigii Sengh.

Nesse meio tempo já podemos, pelo menos para esta espécie, descrever com precisão a qualidade do seu odor. Consiste em apenas um componente e corresponde quimicamente a um (X) ácido metil-esterundeceno (G. & S.).

C. tetragona já na sua descrição original teve uma excelente apresentação mediante uma prancha colorida. A primeira planta foi coletada na região do Rio de Janeiro. Importada pela Royal Horticultural Society, floriu pela primeira vez em junho de 1830 no Chiswick Garden.

Hoehne descreveu duas variedades dessa espécie com os epítetos *rupicola* e *umbrófila*, baseado na diferença de estatura e robustez, coloração das flores mais amareladas ou esverdeadas e, também, diferenciadas pelo ambiente do habitat. Como existem formas de transição, tais diferenças não devem merecer maior importância. O nome dado à espécie deriva da forma de seus bulbos robustos de 8 cm de comprimento, pois *tetragona* significa: quadrangular.



Cydoniorchis tetragona Sengh

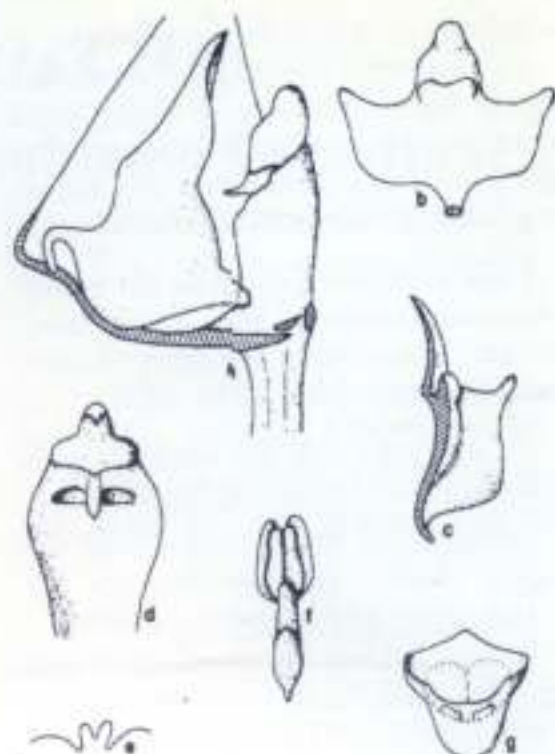
C. wittigii é a mais nova das duas espécies, sendo pouco dispersa na natureza e também a menos cultivada. Habitualmente as duas espécies só podem ser distinguidas pelo confronto de uma com outra. Na bibliografia parece só existir um único desenho, não muito ilustrativa, e uma análise floral na obra de PABST & DUNGS "Orquidaceae Brasilienses" que sequer mostra as características específicas da flor. A espécie foi descoberta por Emil WITTIG ao qual foi dedicada. A primeira floração aconteceu na coleção de Mr. Walton na Inglaterra.



Cydoniorchis wittigii Senghas

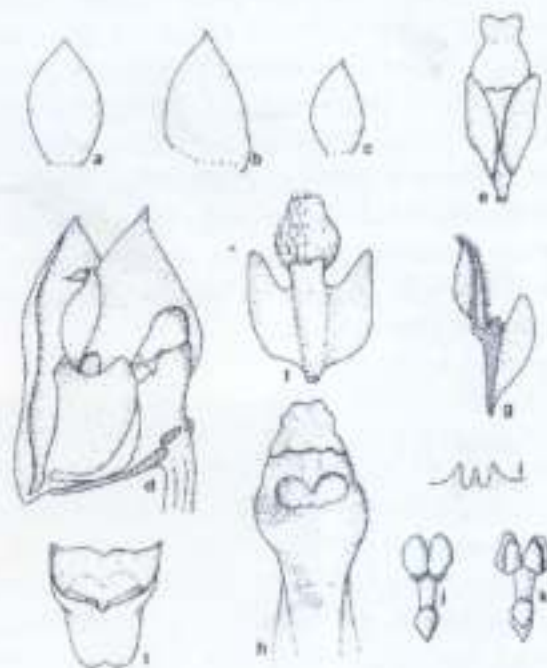
(*)Jardim Botânico da Universidade.
Im Neuenheimer Feld 340
69120 - Heidelberg, Alemanha

Nota do Tradutor: O Original deste artigo foi publicado na nova revista alemã Journal für den Orchideenfreund 1: 11-15, 1994, publicação da Vereinigung Deutscher Orchideenfreunde (Associação de Orquidófilos Alemães). Deixo de traduzir a parte relativa a cultivo, pois é sem aplicação para o nosso clima.



Cydoniorchis tetragona (Lindl.) Sengh.

- Análise floral:
- | | |
|------------------------------------|-------------------------------|
| A) Labelo com coluna vista lateral | |
| B) Labelo espalmado | C) Labelo, corte longitudinal |
| D) Coluna vista de frente | E) Rostelo sem polinário |
| F) Polinário visto de trás | G) Antera vista por baixo |



Cydoniorchis wittigii (Lindl.) Sengh.

- | | |
|--|---------------------------|
| A) Sépala dorsal | B) sépala lateral |
| C) Pétala | D) Labelo com coluna |
| E) Labelo visto de cima, posição natural | F) Labelo espalmado |
| G) Labelo com corte longitudinal | H) Coluna vista de frente |
| I) Rostelo sem polinário | J) Polinário, de frente |
| K) Polinário vista posterior | L) Antera vista de baixo |

YO NO CREO EN BRUJAS PERO QUE LAS HAY LAS HAY

Álvaro Pessôa (*)



Não são frequentes, no Brasil, as publicações sobre o cultivo de orquídeas. Caso você não fale ou leia espanhol, alemão ou inglês, terá sérias dificuldades para aprender a cultivá-las, mas como alternativa, poderá conversar com os veteranos, que nos tempos atuais estão um pouco mais predispostos a revelar seus segredos.



Todavia, meu caro amigo e qualificado leitor, tão importante quanto cultivar suas plantas, é refletir sobre um tema sobre o qual pouco se fala e ninguém escreve: a lei da implicância natural das coisas, aplicada à orquidofilia. Ou, em português mais claro: a questão das superstições, pragas, olho gordo e mandingas aplicadas à orquidofilia.

Porisso, tendo terminado, recentemente, a construção de uma estufa, e para lá tendo transferido a coleção de plantas, logo demos início (meu caseiro e eu) à "proteção" das mesmas.

Não, meu prezado companheiro de "hobby". Não se trata de "proteger" com telhas, sombrite ou plástico. Trata-se de coisa muito mais importante: a proteção esotérica. No campo externo à estufa, segundo o aconselhamento do meu caseiro e amigo Jorge, especialista na matéria e contratador de rezadeiras para benzer plantas doentes, ela inclui o seguinte:

a) mudas de mamona roxa (que devem ser ganhas e não compradas);

b) espada de São Jorge (da roliça e da de folha larga);

c) comigo ninguém pode (também recebida em doação, senão não faz efeito)

d) pimenta do Congo (pimenta flor);

e) alecrim; e afinal

f) arruda.

Já dentro da estufa, a "proteção" deve compreender:

a) figas grandes (de pau Guiné, naturalmente), na entrada e na saída, se possível roçando na cabeça de quem entra e sai;

b) toco de muiratinga (cujo nome vulgar, não posso escrever nesta revista);

c) par de ferraduras de cavalo usadas;

d) crânio de boi seco.

Talvez neste momento de sua trajetória orquidófila, você ache isso tudo u'a maluquice e um absurdo. Quando estiver com vinte anos de cultivo, é provável que entenda. Primeiro porque, como diz com propriedade Carlos Eduardo de Britto Pereira: "QUANDO UMA ORQUÍDEA ESCOLHE O CAMINHO DA MORTE, NÃO HÁ COMO EVITAR O SUICÍDIO".



Segundo porque, são inexplicáveis, à luz da técnica, alguns episódios verdadeiramente incríveis acontecidos com orquídeas. Plantas perfeitamente sadias, que após olhadas, admiradas, comentadas e elogiadas na exposição, voltam para a estufa e, de repente, sem qualquer razão aparente, fungam, empacam, tornam-se comida de grilos e lagartas ou desenvolvem doença negra. Desnecessário dizer que as plantas atacadas são sempre as cabeceiras da coleção: as mais bonitas e sobretudo as mais cobiçadas. "Vaso ruim não quebra", já ensina o dito popular.

Nunca li um livro de Paulo Coelho; sou apenas um homem temente a Deus e creio intensamente em sua presença regendo o destinos das pessoas e do mundo. Não pratico nenhuma religião em especial. Mas

não sei nem consigo explicar, à luz da tese de que o brasileiro é um povo bom, cordial e camarada, que os olhares de alguém possam atingir a saúde de uma planta, deflagrar doenças em série num orquidário, ou levar à quebra "daquele" broto, ou à quebra de botão longamente esperado. Mas que já vi um monte de vezes isso acontecer, já vi!

É bem verdade que sempre se falou, no Brasil, nas pessoas dotadas do "olhar de seca pimenteira", c'u das que possuíam o dom de "calar o sabiá". No primeiro caso, o agente trazia em si tal "carga negativa" que, diante de seus olhos, queimavam as folhas das árvores, as avencas balançavam as folhas, as samambaias ficavam negras e até secava o pé de pimenta. Já a presença do segundo, emudecia os passarinhos e até o sabiá calava o bico e cessava o canto. Helena Eyer jura, que num dia sem vento, a samambaia dela balançou a folha, negando a muda que ela pretendia doar.

A mesma Helena, que já escreveu sobre o tema, explica que a pessoa dotada do "olhar de seca pimenteira" (que também seca as orquídeas) pode até desconhecer que possui esse dom. Isto é, tendo ou não inveja, a planta seca, funga, ou adoece após ser olhada, desejada ou apetejada. Porque aí reside o risco maior. O perigo aumenta, ou a intensidade da praga cresce, quando o pretendente a comprador, tem seu desejo de aquisição negado.

3

Pode haver quem ache que o motivo deste artigo é de simples gozação. Não é. Consulte qualquer orquidófilo veterano, sobre as consequências ocasionadas às plantas por um grande desgosto sofrido pelo colecionador. O orquidário inteiro entra em decadência junto com o cultivador. Em caso de morte do colecionador, o resultado é idêntico. Quando a viúva vai procurar o que vender, metade já se perdeu.

E se você ainda dúvida desta estranha

saga das orquídeas, veja na sua coleção, a diferença de crescimento entre as plantas doadas pelos seus amigos de grande coração, ou doadas com coração aberto, daquelas doadas por aquele "unha de fome" que "dá com o pé atrás". As primeiras vicejam e vegetam admiravelmente; as segundas só fazem dar para trás.

E

Em Teresópolis, havia uma figura inesquecível, que tinha a alcunha de "caçulinha". Pois o "caçulinha" dava plantas com tal dose de miséria mental e espiritual, que elas nunca se desenvolviam e pouco floriam. Só depois que o "caçu-linha" desapareceu, numa conversa em um grupo de orquidófilos descobrimos que as plantas dadas pelo caçulinha, não vege-tavam bem na mão de ninguém. Já vinham com o gene da mesquinha.

De forma que, meu caro amigo e leitor, acreditando (ou não) nos ditos acima, proteja suas orquídeas, porque "yo no creo en brujas, pero que las hay las hay".

Foi por tudo isso que, antes de correr qualquer risco, preferi optar pelas defesas que me aconselhou meu caseiro.



(*) Rua Uruguai, 508/102
20510-060, Rio de Janeiro, RJ.

Recordando...

Foi na Exposição de 1986 realizada no Rio Design Center, que me filiei à OrquidaRIO, depois de ter conversado um pouco com Roberto Agnes. Lembro do meu respeito e timidez, ao falar com pessoas que eram capazes de cultivar plantas tão lindas. Já antes dessa data eu vinha comprando, esporadicamente, orquídeas em flor na Florália, na loja da Cobal de Humaitá, pois trabalhava em consultório médico localizado bem em frente. Na época comprei vários híbridos de *Dendrobium nobile* que se recusavam a florir no ano seguinte e apenas vegetavam quando colocados na varanda de meu apartamento em Botafogo.

Ao comparecer às primeiras reuniões da orquidaRIO, na rua Sorocaba, 122, fui muito bem recebida, principalmente por Alexis Sauer e Waldemar Scheliga, que me deram as primeiras orientações às minhas múltiplas dúvidas. Fui recebendo plantas que eram sorteadas nestas reuniões e aos poucos compreendi que nem todas as orquídeas seriam cultivadas com sucesso em Botafogo, no Rio de Janeiro, onde no verão a temperatura eventualmente chega a 40 °C.

Ainda em dezembro de 1986 recebi num sorteio um livro que foi decisivo para minha formação como orquidófila: um dos volumes da Flora Brasileira, de F. C. Hoehne, tratando de Orquidáceas, edição de 1940. Neste volume Hoehne fala inicialmente das orquídeas em geral, com suas particularidades botânicas e, a seguir, trata de alguns gêneros como *Phragmipedium* e *Habenaria*. Tudo foi quase incompreensível para mim, que custei muito a entender o significado de **Diandras** e **Monandras**, mas a coisa toda me fascinou e fiquei muito curiosa para compreender afinal o que eram e como funcionavam aquelas plantas. Nesta altura já tinha percebido que nem todas as orquídeas tinham flores vistosas e que, às vezes, era preciso olhá-las com lente...

Fui comprando outros livros de leitura mais amena, como o de Waldemar Silva, que li com avidês. A seguir vieram aulas, palestras e aulas dadas por Francisco Miranda, Roberto Agnes, Alvaro Pessoa e outros, nas quais fui aprendendo, num processo lento, algo sobre as orquídeas. Foi

importantíssima a presença nas reuniões (duas por mês) pois ali via plantas variadas e ouvia, frequentemente de maneira informal, algo que me ajudava no trato com as orquídeas.

Em 1989, ao se aproximar a época em que pretendia me aposentar do exercício da Medicina, fiz matrícula e cursei as principais disciplinas da Botânica, do Curso de Ciências biológicas da Faculdade Santa Úrsula. Isto foi feito lentamente, um crédito por semestre, pois ainda trabalhava como médica. Nesta época desenvolvi o hábito de usar parte de meu tempo vago ao microscópio estudando tecidos vegetais para entender melhor certos aspectos que são bem marcantes nas orquídeas, como, por exemplo: o velamen, a germinação das sementes e as micorrizas.

Mas o meu grande desafio continuava sendo o cultivo. Meu apartamento no último andar do prédio (8º), me possibilita uma área de 30 m com pé direito alto, bastante arejada e ensolarada (sol da tarde predominante), mas com chão de cerâmica. Fui aos poucos melhorando a aridês local e neste ponto foi importante para mim a visita de colegas orquidófilos que vieram inicialmente, como Ivana Zubic, que logo me levou para conhecer o seu orquidário.

Perdi muitas plantas, pois a teimosia em tentar cultivar determinadas orquídeas custou a me abandonar. Só agora, passados quase 10 anos de orquidofilia, acho que estou começando a ter uma ideia mais real do que quero e posso ter e, de uns tempos para cá, venho doando, para amigos e colegas, plantas que pedem outros climas. Fui entrando em depressão de tanto olhar as orquídeas que não floriam, como *Paphiopedilum*, dos quais comprei vários "leques" e plantas botânicas de altitude.

Um marco para mim foi também a primeira visita a um "habitat", em agosto de 1988, quando juntamente com um pequeno grupo de colegas e guiados por Alvaro Pessoa, fomos a um local próximo a Teresópolis e vimos em flor a *Sophranitis coccinea* em grandes quantidades. Fiquei deslumbrada! Pois acreditem, mesmo vendo a *Sophranitis coccinea* no alto da montanha (Serra dos Órgãos), insisti durante um bom tempo em comprar espécimes desta planta quando o vendedor me garantia em voz baixa: "vale a pena tentar esta, veio de baixo... e tem a flor grande!"

Ao fazer outras excursões com co-

legas fui descobrir como o Estado do Rio de Janeiro ainda é rico em orquídeas. Segundo G. Pabst das 2.300 espécies brasileiras, 832 são encontradas no nosso estado, sendo este número mais impressionante se levarmos em consideração a pequena área ocupada pelo estado do Rio de Janeiro. Graças a esse interesse especial já fizemos levantamento da flora orquidácea de algumas áreas dos municípios de Araruama, Arraial do Cabo e Guapimirim.

Desde 1990 faço parte da Diretoria da Orquidário, onde entrei convidada pelo Raimundo Mesquita. Continuo com o mesmo ideal: colaborar para fortalecer a Sociedade e fazer dela, cada vez mais, uma entidade viva onde possamos aprender e encontrar pessoas que, como nós, amem as orquídeas.

Maria da Penha K. Fagnani
Rua das Palmeiras 93, Apto. 803
22270-000, Rio de Janeiro, RJ

Cultivando...

Cura da Podridão Bacteriana

Lida meses atrás, pareceu-me bem interessante a notícia, reproduzida em Orquidário, de que americanos teriam descoberto que o uso de canela em pó cura podridão bacteriana em *Phalaenopsis*. O nosso companheiro, do Rio Grande do Norte, Dr. Ricardo Cavalcanti, me informou que funciona mesmo.

Interessante, por que? Porque anos atrás publiquei em "L'Orchidophile" e no Boletim da CAOB um trabalho conjunto, meu e do Dr. Carlos Eduardo Melo e Silva, sob o título: "A Cura da infecção pela pseudomona cattleya com o uso de Neomicina conjugada com Bacitracina".

Inicialmente julgamos que a célula vegetal não absorveria a neomicina, como acontece com a célula animal, assim resolvemos furar com ponta de canivete um bulbo sadio da planta doente e encher aquele furo com o medicamento (na época usávamos o Cicatrene em pó que não mais existe no mercado); a infecção cessou quase

imediatamente, sem que removéssemos as partes infectadas.

Como a cicatriz ficava feia, optamos então por injetar num bulbo sadio. Usamos agulha para injeção raquidiana e seringa hipodérmica. O resultado foi o mesmo. Este método, contudo, apresentou uma inconveniência: o furo servia, por vezes, para instalação de fungoses.

Aquela altura o Dr. Carlos Eduardo suspeitava que aqueles antibióticos seriam sistêmicos no tecido vegetal. E são. Assim, passou a, simplesmente, retirar a planta infectada do orquidário, levando-a para local seco e espalhando o antibiótico sobre as raízes. O resultado continuou o mesmo.

Posso dizer que há anos não perco plantas por causa desta doença. Sua ocorrência tornou-se rara no meu cultivo, menos de meia dúzia por ano e, em todos os casos, as plantas são salvas. Tomamos também por hábito esfregar o medicamento nos cortes que fazemos nas plantas.

Devo informar, ainda, que essa medicação tem-se mostrado eficiente sobre a podridão preta que ataca gemas, brotos e os tecidos em crescimento. Caso seja percebida no início de processo parece possível salvar a nova brotação. Isto me leva a crer que também essa infecção é também causada por alguma bactéria.

Uso atualmente Anaseptil ou Anti-septin.

Augusto Burle Gomes Ferreira
Rua do Paissandú 678/902 - Derby
52010-000, Recife, PE.



Saiba que...

durante a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, serão lançados diversos livros sobre orquídeas:

> em lançamento mundial, a obra inédita de Barbosa Rodrigues, "Iconografia das Orquídeas do Brasil";

> "Orquídeas da Amazônia" e "Laelia", de Francisco Miranda;

> "A Orquídea - Manual Prático de Cultura", por Darly Campos, Presidente da Associação Campineira de Orquidófilos;

> um belíssimo álbum com aquarelas de Samuel Salvado, com vinte pranchas, que foram do acervo de Rolf Altenburg.

Ao longo de 3 meses e mais
1 número de
Orquidário
este símbolo vai nos acompanhar.



15ª CONFERÊNCIA MUNDIAL DE ORQUÍDEAS
14 A 23 DE SETEMBRO DE 1996
RIO DE JANEIRO - BRASIL

Para receber Catálogo, informações sobre como inscrever-se,
ou reservar hotéis e tours
escreva para:

Host Eventos e Turismo
Rua São Clemente, 407 - Botafogo
22.260-001 Rio de Janeiro, BRASIL
Tel.:0055 (021)286 3536 / Fax.:0055 (021)246 1314

Orquidário Quinta do Lago



- Híbridos e espécies de qualidade
- Plantas de diversos tamanhos
- Vendemos por atacado e no varejo
- Atendemos em todo o Brasil
- Solicite nossa lista de preços

Rua Domingos José Martins 195
27725-110, Bonsucesso, Petrópolis, RJ Brasil
tel(0242) 21-2554 fax(0242) 21-3154

Aberto diariamente de 8 às 17 horas
e domingo de 8 às 12 horas

FLORÁLIA

• DESDE 1956 •

LISTA DE PREÇOS 96 DISPONÍVEL.

NOVO FAX: 55-21-625-7275

FLORÁLIA ORQUIDÁRIOS REUNIDOS LTDA
ESTRADA DA FLORÁLIA, 592 - CEP 24140-210 - NITERÓI - RJ - BRASIL
TELEFONE: (021) 625-0800 - FAX: (021) 625-5223

®

TROPICANO

SOLICITE
CATÁLOGO
TEL/FAX (012) 3224299



1996

ZUMA CANYON ORCHIDS

Luiz Hamilton Lima - Av. São João, 1945
São José dos Campos 12242-000 - SP - Brasil

Nomes aparecem...
Nomes desaparecem...
Orquidário Catarinense
permanece.

Orquídeas e Bromélias
Solicitem nosso catálogo ilustrado, nº 95, que
oferece 2700 espécies e híbridos diferentes.

Alvim Seidel
Orquidário Catarinense Ltda.
Caixa Postal 1 - Rua Roberto Seidel 1981
Tel.: (047)375-1244 Telefax.: (047)375-1042
89280-000 - Corupá, SC

Um dos mais completos estabelecimentos no gênero.
Fundado em 1906 por Roberto Seidel.

Artesanato



Substrato

rico em macro e micronutrientes, higiênico, auto-estabilizante do pH(5,3), duração média de 4 anos, fácil manuseio.

Representantes e Revendedores:

Rio Grande do Sul

> **Hélio Marodin**

Tel.: (051) 225-4793 e 228-7507

São Paulo

> **Sérgio Rondino**

Tel.: (011) 548-8828

Rio de Janeiro

> **Maria Stela N. Borges**

Tel.: (021) 357-5547

Minas Gerais

> **Orquidário Warneri,**

Tel.: (031) 461-0860

> **Afrânio Augusto**

Guimarães - ME

Tel.: (032) 211-6042 e 987-4088

Brasília, DF

> **Célia Maria T. Cordeiro**

Tel.: (061) 577-1722

Mato Grosso do Sul

> **Orquideas Ostetto**

Tel.: (067) 725-8113, 981-0432 e 721-6207

Nordeste

> **Hipermercados Bom Preço**

Natal

> **Patrícia Cavalcanti**

Tel.: (084) 217-7056

Salvador

Lotus Plantas & Jardins

Tel.: (071) 334-5703



Epidendrum ciliare. Planta adulta, cultivada no nosso substrato, Coxim. Observem o vigor e a floração

Vendas pelo Correio

Pedidos e informações

Rua do Paissandú, 678/902

52010-000 - Derby

Recife, PE

Tel. (081) 459-1016; (081) 459-1066 R.21.

Pessoa Orquídeas

Álvaro Pessoa - Produtor Rural

Barra do Imbuí - Teresópolis, RJ



Cruzas de Espécies Brasileiras

Espécie	Tamanho	Cruzamento
Laelia tenebrosa (escura)	3'	Nagase x Quinta da Barra
Laelia tenebrosa (escura)	3'	Cecília x Nagase
Cattleya warneri (concolor, rosa)	4'	Jandyra "concolor" (concolor garantido)
Cattleya labiata semi-alba	4'	Marina x Marinetti (semi-alba garantida)
Laelia lobata (concolor rosa)	2'	Jeni x self
Laelia jongheana (flameada)	2'	Douro x Algarve

- ✓ 18 "seedlings" sadios e vigorosos, faceis de cultivar, com floração anual em setembro e março.
- ✓ Preço livre de qualquer despesa adicional ou frete: R\$100,00.
- ✓ Solicite nossa lista completa de "seedlings" e meristemas.

Endereçar pedidos com cheque nominal em favor de Álvaro Pessoa, para:
Av. Pres. Vargas, 583, Grupo 2014/17
20.071-003 - Rio de Janeiro, RJ



ARANDA

SOLICITEM NOSSO CATÁLOGO GRATUITO
FREE CATALOGUE ON REQUEST



Cattleya Labiata autumnalis, var. 'Marina'

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ORQUÍDEAS

Escritório/ Office
Rua Senador Dantas, 75/907
20031-201, Rio de Janeiro, RJ
BRASIL

Orquidário/Nursery
Estrada do Quebra-Frasco s/nº
Teresópolis
BRASIL

Tel: (+5521)240-5609 240-7617



Oncidium pictum Benth.
Oncidium pictum Benth.
Catalpa, Rio de Janeiro

Oncidium pictum
Benth.